

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

234

INSCRIÇÕES 811-814



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



GRAFITOS DE *EBUROBRITTIUM*

Sob orientação de José Beleza Moreira, decorreram campanhas de escavação junto a Óbidos no sítio arqueológico que viria a ser identificado com a cidade romana de *Eburobrittium*. Assim, ao encontrar-se um sítio com nítidas características urbanas, para mais dispendo de porto no que é, hoje, a Lagoa de Óbidos e seria oceano em tempos remotos, se pôs termo definitivo às hipóteses de localização desse aglomerado urbano, cuja acção relevante fora proclamada nos livros quer da época romana quer dos historiadores portugueses dos séculos XVI e XVII, por exemplo. Em fações várias teriam os Eburobricenses feito intervenções de relevo.

Os resultados dos trabalhos realizados – que, no entanto, só chegaram a pôr a descoberto uma parte relativamente exígua do que foi a extensão urbana – publicou-os o arqueólogo na monografia apresentada como dissertação de mestrado¹. Verificou-se, todavia, que os vestígios epigráficos consubstanciavam aspectos singulares no âmbito do que até aí se conhecia, como foi o caso do tijolo em que o obreiro anotou o número de peças que estava a contar: *usque*

¹ MOREIRA (José Beleza), *A Cidade Romana de Eburobrittium – Óbidos*, Porto, 2002. Veja-se recensão, de Vasco Mantas, em *Conimbriga*, XLII, 2003, p. 248-254.

hic CCC, «até aqui trezentos». Dedicou-se-lhes, pois, um artigo².

Ficaram, no entanto, de remissa alguns insignificantes fragmentos cerâmicos de construção que apresentavam grafitos. Não se lhes ligou de imediato importância; contudo, apercebemo-nos agora, ao remexer nos ‘papéis’, que talvez não fosse despidiendo dar a conhecer o que fotograficamente se documentara. Na verdade, não é possível consultar, em tempo oportuno, os cadernos de campo; devidamente arquivados, não estão facilmente acessíveis para que, de cada um, se identifiquem os níveis arqueológicos em que foram encontrados, as características da pasta e só a presença de escala nos permite ficar com uma ideia da sua dimensão.

Perguntámo-nos se valeria a pena dá-los a conhecer assim despojados. E pareceu-nos que sim, por documentarem grafias.

811.1

Fragmento de tijolo, em jeito de cunha, de contornos irregulares, pasta castanho-acinzentada com muito grão, terá cerca de 17 cm no seu máximo comprimento e 7 na sua máxima largura. O grafito, apenas levemente riscado com cálam, aparentemente no barro já seco, parece ser a terminação de uma palavra, quiçá um antropónimo. A fractura ocorreu ao nível médio das três primeiras letras (de leitura duvidosa): **T** de barra curta, **A**, **I** e **V** lançado para diante, com a segunda perna bem maior.

Em síntese: [...] TAIIV

811.2

Num fragmento de *imbrex* castanho-claro, com cerca de 14 x 8,5 cm, lê-se **N**, nitidamente traçado com dois movimentos: o primeiro, de cima para baixo, oblíquo, para a haste da esquerda, e o segundo, lançado, como que para grafar um **V** levemente arqueado para trás.

² ENCARNÇÃO (José d’) e MOREIRA (José Beleza), «*Eburobrittium* e as suas epígrafes singulares», *Conimbriga* XLIX 2010 41-67. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/20147>.

811.3

Num fragmento de tijolo, cor avermelhada, de, sensivelmente, 6,5 x 6,5 cm, lê-se **A**, grafado com cálamo rombo, situando-se o vértice um pouco acima do meio da perna da esquerda.

811.4

Fragmento cerâmico de tijolo, com muita pátina, quase em forma de triângulo rectângulo, com cerca de 11 cm de base e 12,5 de alto. Afigura-se a estilização de uma casa, de telhado triangular, tendo ‘dentro’ a letra **A** pouco perceptível. Brincadeira de criança mediante estilete pontiagudo na argila já cozida?

811.5

Fragmento de tijolo de argila clara, de forma quadrangular irregular, com cerca de 8 cm de base e 12 de alto. O grafito, com sulco horizontal inferior, mostra **X** precedido de outro signo de que apenas resta a parte final direita. Poder ser outro **X**. A hipótese de se tratar de elemento de contagem não é despicienda.

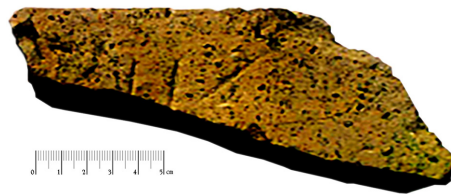
811.6

Temos dificuldade em considerar grafito os três sulcos proporcionalmente profundos, em forma de dentes de pente, que se vêem num outro fragmento de barro avermelhado, de forma oblonga: 7,5 cm de comprimento e 6 de altura. Parece mais sinalefa a identificar, por exemplo, a 3ª fila (III) de peças duma fornada.

CONCLUSÃO

Amostra tão insignificante apenas pode servir para documentar formas de escrita. Alicia-nos a hipótese de serem as siglas dos nomes por que eram conhecidos os proprietários das fornadas, à excepção do nº 5, que poderá ser elemento de contagem.

JOSÉ BELEZA MOREIRA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



1



2



3

811



4



5



6

ALMOFARIZ DRAMONT D1 ACHADO EM TRÓIA
(*Conventus Pacensis*)

Numa altura em que, devido a excepcionais condições climáticas, no ano de 1990, o rio Sado deixou a descoberto, no areal da península de Tróia (freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, distrito de Setúbal), três fragmentos de um almofariz romano, de arenito rosado (FIG. 1).

O bordo exterior foi polido e o seu interior é rugoso, como habitualmente.

Pasta castanha avermelhada de grão fino, dura, foliácea e cozedura oxidante. E.N.P. apresenta quartzos leitosos e hialinos, óxido de ferro vermelho, piroxenas (?), moscovite, biotite, calcário e fragmentos de conchas.

A areia grossa, rolada, aplicada no interior do almofariz apresenta piroxenas, olivinas, quartzos hialinos e mais raros leitosos, óxidos de ferro vermelhos, calcites e fragmentos de conchas.

Mediria 41 cm de diâmetro; a espessura é de 9 cm, o bordo de 5. O vertedouro tem 9 cm x 2,5/4 cm de largo, profundidade máxima de 2 cm (FIG. 2).

Apresenta do lado direito do vertedouro (FIG. 3) a marca SATVRNINI («de Saturnino»), letras de 1,2 cm de altura,

chancela de 5 cm de comprimento. Letras em relevo, elegantes: veja-se o T de vértices mais largos e de haste vertical a alargar para a base; o I, mais largo nos vértices. Elegância que não é maculada pelo facto de estarem ‘cheios’, ou seja, sem delimitação dos vazios internos, o A, assim como o R e o primeiro N.

Do lado esquerdo do vertedouro, a representação de uma palma, de 1 cm de largura e cerca de 2 cm de comprimento, com o pé para o lado do interior do almofariz (FIG. 4).

O almofariz é idêntico ao que Carmen Aguarod Otal¹ apresenta na p. 131, Fig. n. VII, figura que tem a legenda «Disposición y sentido de los sellos en los morteros Dramont D 1 hallados en la Tarraconense». É o desenho C dessa figura. Neste caso, o «ramo de palma» (assim o designa) está do lado direito do vertedouro, no sentido do círculo, enquanto o de Tróia se apresenta orientado segundo o vertedouro; a marca SATVRNINI está do lado esquerdo (a de Tróia no lado direito e em sentido inverso). No exemplar aí figurado a marca tem o nexo VR, enquanto o exemplar de Tróia aparenta ter o nexo, mas não tem. Nas duas páginas seguintes (132 e 133), vem a ficha do que Carmen Aguarod chama o «mortero selado n. 1», procedente de *Emporiae* (Ampúrias).

Quanto à circunstância de o oleiro (*officinator*; assim o designa) se identificar mediante o *cognomen*, Carmen Aguarod interroga-se: «No sabemos bien si esto se debe a su condición de esclavo o a que era usual en la forma Dramont D 1 el empleo de pequeñas cartelas, donde el nombre del *officinator* se encontraba muy resumido, tal como vemos en otros casos» (p. 132). É natural que se tratasse de um escravo ou mesmo de um liberto; mas a identificação por apenas um nome não causa admiração, por ser frequente. De resto, o «mortero selado n. 3» de Carmen Aguarod (p. 135-136) traz a «assinatura» de *M. Cimonius Saturninus*, considerado o mesmo personagem, de modo que se justifica

¹ AGUAROD OTAL (Carmen), *Cerámica Romana Importada de Cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico, 1991. Ver também, da mesma autora, «Cerámica común de mesa y de cocina en el valle del Ebro y producciones periféricas», in FERNÁNDEZ OCHOA (Carmen), MORILLO (Ángel) y ZARZULEJOS (Mar), [eds.], *Manual de Cerámica Romana III*, Alcalá de Henares / Madrid, 2017, p. 55-59.

atribuí-lo à categoria dos libertos.

Na p. 133, alude a autora à «grande difusão» que tiveram as produções de *Saturninus*: em Herrera de Pisuerga, *Uxama*, Paredes de Nava, San Tomé, *Sala*, Zollfed, Bavay e nos despojos do naufrágio de Fos I. O local de produção situar-se-á, porém, na Península Itálica. «La petrología de la pasta empleada», escreve Carmen em relação aos exemplares que estudou, «indica que su origen debe buscarse en un área de vulcanismo, que podría ser tanto el Lacio como la Campania» (p. 132). E quanto à cronologia passível de atribuir-se à sua produção, atendendo aos contextos arqueológicos identificados, não parece haver dúvida quanto à possibilidade de a localizarmos nos primórdios do século I, sendo o reinado de Cláudio o seu «término *ante quem*» (p. 135).

A descoberta deste almofariz em Tróia confirma as conhecidas intensas ligações do sítio com a área mediterrânica no tempo dos Romanos e acrescenta mais um local de achado deste tipo de objectos de cozinha. Catarina Viegas assinalara já² o aparecimento de almofarizes – mas do tipo subsequente, Dramont 2 – na região algarvia (Loulé Velho, Torre de Ares e Faro). José Carlos Quaresma fizera, em 2006³, um balanço do estudo desse tipo de utensílios, debruçando-se, de modo especial, sobre a sua tipologia e atribuição cronológica.

Há intenção, como é natural, de que o almofariz objecto deste estudo – presentemente na posse de um dos signatários – vá integrar o núcleo arqueológico de Tróia.

GUILHERME CARDOSO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
EURICO SEPÚLVEDA

² VIEGAS (Catarina), «Late Republican and early empire common ware in Southern Lusitania (Algarve – Portugal): The Italians imports», in VIEGAS (Catarina) [edit.], *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 46. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, 2020, p. 134-135. [Trata-se do volume de actas do 31º congresso desta sociedade, realizado em Cluj-Napoca, na Roménia, em 2018].

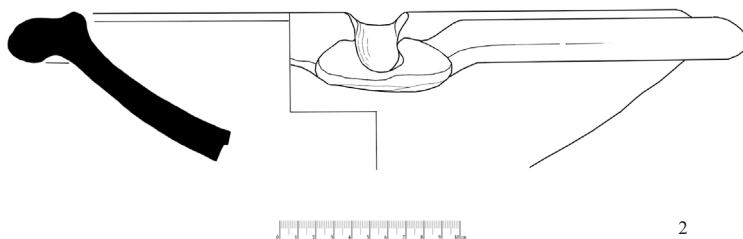
³ QUARESMA (José Carlos), «Almofarizes béticos e lusitanos: revisão cronomorfológica de alguns tipos», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9/1, 2002, p. 149-166.

FOTO: GUILHERME CARDOSO



1

812



2



3

DESENHO: CATARINA BOLLIA



4

FRAGMENTO DE DOLIUM COM INSCRIÇÃO
MONTE DO MONTINHO, BEJA

No Monte do Montinho, União de Freguesias de Quintos e Salvada, concelho de Beja, foi identificada uma importante *uilla*, ocupada desde, pelo menos, finais do século I a. C. e o século VI¹.

Neste local, registou Abel Viana um *torcularium* e observou dois tanques romanos descobertos pelo proprietário em 1943, que os recolocou em funcionamento até aos dias de hoje. Estes dois tanques – integrados numas termas abastecidas com águas de cariz medicinal, das quais foi ainda colocado a descoberto um ninfeu, faltando escavar cerca de 50% das mesmas e toda a *pars urbana* da *uilla* – são deveras interessantes, cercados por mosaicos, novamente cobertos de terra, após a sua descoberta na década de 40².

O fragmento de *dolium* que ora apresentamos foi identificado e recolhido pelo actual proprietário, Sr. José Carrilho³, quando andava a fazer uma desmatção junto do monte, mais exactamente na zona onde se situa o *torcularium* escavado há alguns anos por Abel Viana e que ainda se encontra à vista relativamente bem preservado! O fragmento está na posse do achador no Monte do Montinho, onde habita.

¹ Entre os materiais que pudemos observar no local, recolhidos ao longo dos anos pelo Sr. José Carrilho, proprietário, e por ele guardados no Monte do Montinho, encontram-se um fragmento de bordo de ânfora do tipo ovoide gaditana Oberaden 83 e *terra sigillata* focense, forma Hayes 3.

² Em Setembro de 1892 foi entregue o bom fragmento de um mosaico à Câmara de Beja, proveniente do Monte do Montinho, pelo seu proprietário, Sr. António Manuel Palma (como vem indicado no jornal *O Bejense*, de 9 de Setembro de 1892).

³ A quem desde já agradecemos as informações prestadas, bem como à sua esposa.

O fragmento conserva 18 cm de altura x 20 de largura x 2 de espessura. Nele podemos observar a inscrição de um numeral entre duas linhas incisais, que marcariam a transição do ombro para o colo da peça, podendo ler-se CCLXV (*ducenti sexaginta quinque*). Têm as letras 2 a 3 cm de altura. Foram gravadas com goiva.

Corresponderia à indicação da capacidade que aquele *dolium* poderia armazenar.

Tratando-se apenas de um fragmento da peça, não podemos arriscar muito na medida. Atendendo à espessura e à possível localização da inscrição no *dolium* (transição do ombro para o colo), poder-se-á pensar que seria contentor de grandes dimensões, com uma capacidade da ordem dos 265 *congi* ou 922,2 litros? Muito provavelmente sim, por se coadunar com uma talha de grandes dimensões, como era o caso.

Recorde-se que o *congius* surge muitas vezes indicado como medida de referência. Por exemplo, Catão-o-Velho escreveu que, em festividades como as Saturnálias e as Compitálias, costumava oferecer um côngio de vinho a cada um dos seus escravos⁴. Já Plínio-o-Velho deu a conhecer *Novelius Torquatus*, de *Mediolanum* (Milão), alcunhado de *Tricongius*, por ser capaz de beber três côngios de vinho de uma só vez (*idem, ibidem*).

JORGE FEIO



⁴ SMITH, William (1875) – *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*. Londres, p. 104, s. v. «congius».

FRAGMENTO DE ARA FUNERÁRIA ROMANA, EM
MARMELAR
(*Conventus Pacensis*)

Fragmento de ara encontrado por um pedreiro numa obra realizada nas imediações da Rua 25 de Abril, em Marmelar (freguesia de Pedrógão, concelho da Vidigueira). Identifiquei-a a 24/10/2010, quando me encontrava a registar os vestígios paleocristãos “escondidos” em casa de alguns habitantes da aldeia¹. Está exposto no Núcleo de Exposições de Marmelar.

Ara foi cortada no topo e na base para encaixar como degrau na porta nº 46 dessa rua, desconhecendo os seus proprietários, amantes do património cultural português, que o novo degrau fora, na realidade, uma ara funerária romana.

De mármore local, de grão médio a grosso e veios azulados, mede (50) x 35 x 25. Num dos lados apresenta uma pátera com 25 cm de altura.

A inscrição desapareceu por completo, quando foi feita uma decoração sobre o campo epigráfico, no momento em que

¹ Agradeço à Sra. Joaquina Teles toda a disponibilidade e amabilidade com que me recebeu e aceitou trocar a ara por uma laje de xisto que eu trouxe de Trás-os-Montes, onde vivi e trabalhei entre 8 de Abril de 2010 e Março de 2011. O agradecimento é extensível à Dra. Luísa Costa, Directora do Museu Municipal da Vidigueira, pela forma como me concedeu todo o apoio no registo da peça, na sua integração no Museu da Vidigueira, e na rápida criação do Núcleo de Exposições. Por fim, agradeço ao Sr. Carlos Pegas, tesoureiro da Junta de Freguesia de Pedrógão, e ao Miguel Marques o apoio que deram no registo do monumento.

a peça se reutilizou como elemento de um portal, eventualmente num edifício religioso datado da Antiguidade Tardia, atendendo ao local onde foi recolhido e à grande quantidade de elementos arquitectónicos “paleocristãos” aí encontrados.

JORGE FEIO



1



2



3